



JORNAL DE GARVÃO

Nº 22 Agosto de 2016

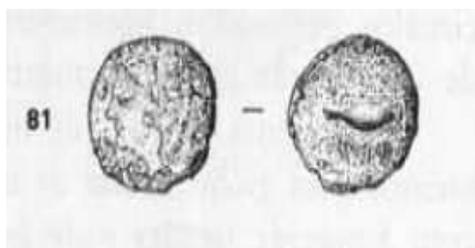
0,50 Euro

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

**ESTELA do
PARDIEIRO**
35 Anos depois
Pag. 3



**HEMIDRACMA
EM PRATA**
Pag. 8



**AS TRAVESSIAS
DA RIBEIRA**
Pag. 6/7



Garvão
Cerro do Castelo
Pag. 4

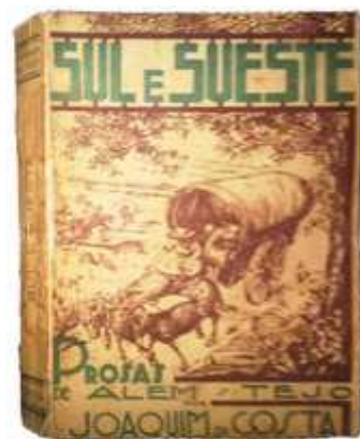


**FALECEU
JÜRGEN
UNTERMANN**
Pag.3

**ESTELA
ROMANA**
Pag. 11



**SUL e
SUESTE**
Pag. 10



CRÂNIO
do
Depósito
Votivo de
Garvão
Pag. 5

Editorial

Diálogo, educação e fundos europeus.

Apesar do diálogo entre as várias instâncias associativas, de iniciativa privada ou de "obrigação" pública, da vila de Garvão não estar muito na moda, até mesmo rejeitada e combatida, continua a ser de importância primordial para o desenvolvimento desta terra, sobre vários aspectos, senão mesmo todos.

Por um lado, uma nova juventude, com melhor formação, mais conscienciosa, com outras visões e conhecimentos, em que a formação académica de alguns é uma realidade, tem necessidade de rever certas interpretações e posições tomadas anteriormente, muitas delas tendo unicamente como base atitudes emocionais e posturas tempestivas, senão mesmo insensatas de alguns, completamente desprovidas de racionalidade e senso comum.

Por outro lado, os mecanismos de apoio ao desenvolvimento local, proporcionados por esta nova Europa, da tolerância, da justiça, da igualdade e da solidariedade, proporcionam uma nova visão e esperança nos apoios e incentivos que estas comunidades do interior desprovidos de oportunidades e em que a desertificação e despovoamento são uma realidade se possam socorrer.

Há luz desta nova realidade, despovoamento, desertificação e candidaturas aos fundos comunitários para colmatar essas mazelas, até os espíritos mais pessimistas e intolerantes sentem a necessidade de nos projectar-mos para outras posturas e realidades.

Dito isto, não se pretende insinuar que se deve procurar a culpa para todas estas mazelas que afligem estas comunidades de fraca ou nula expressão cultural, política ou económica na actuação das gerações anteriores.

Deve-se apenas enquadrar estas novas oportunidades numa nova realidade, proporcionada por uma melhor consciência cultural, económica e política facultada por uma nova conjuntura europeia, como esta que se apresenta em pleno século XXI.

Programa de Recuperação das Vilas Históricas precisa-se ...

Os sinais do tempo indica-nos que vivemos numa época pós-industrial e a fundação de uma nova era. Nesta transição entre sistemas de pensamento e na criação de novos paradigmas, os tempos não parecem ser muito optimistas, como de facto o foram no início deste século XXI. Hoje vemos o futuro com apreensão, entre a anestesia do consumo e algum pessimismo ecológico.

A História, registando a constância das grandes questões dos homens, afirmou-se como um porto de partida para as limitadas aventuras que se pedem tanto à nossa geração como, obviamente, às gerações futuras. Passados que foram os tempos das grandes causas, das grandes revoluções, exige-se o compromisso, a negociação com os lugares, os contextos e as suas gentes, potencializando a sua conservação e maximizando os recursos disponíveis.

Um Programa de Recuperação das Vilas Históricas precisa-se, não só para Garvão, mas igualmente para todo um conjunto de vilas históricas de Norte a Sul do país que se destacam pelo seu valor histórico-patrimonial e valor do passado, como locais de conquista, de povoamento, defesa e estabilização do território. que visem lutar contra a fraca produtividade, envelhecimento e desertificação populacional e implementar novos conceitos e práticas de intervenção no património rural, na preservação da memória do passado e das técnicas tradicionais, com o intuito de promover uma nova vitalidade, quer em termos sócio-económicos, quer turísticos.

A partir de meados do século XX, fruto de factores como de uma grande evolução social e económica, a industrialização, a revolução do mundo da tecnologia, a intensificação da concorrência internacional e a globalização das economias nos grandes centros urbanos, originou a necessidade da fixação das populações rurais nas principais cidades, o que provocou profundas alterações nos núcleos rurais do território português que muito ajudaram para o seu despovoamento e por conseguinte a sua degradação, em muitos destes povoados que contribuíram com um papel fundamental para a consolidação e defesa do território português, marcados por um forte sentido de identidade a nível cultural, histórico-social e patrimonial. A consciência da importância daqueles recursos na valorização e promoção a par de iniciativas de requalificação física, integra vertentes de dinamização sócio-económica e de regeneração de uma auto-estima fragilizada torna-se premente.

Um programa de recuperação desta vilas Históricas, onde a história, o património e a identidade são valores que se conjugam e permanecem bem guardados em cada um dos seus habitantes, de recuperação destes núcleos rurais, através da sua revitalização, dinamização e implementação de uma serie de intervenções nesse sentido, a par de estratégias de reabilitação inerentes às condições básicas da população, contribuiriam para uma dinamização empresarial, geradora de empregos, não só comercial e turística mas também social, com o intuito fixador da população em geral e dos jovens em particular em harmonia com as tradições, usos e costumes destes lugares e a cultura das suas gentes.

JORNAL DE GARVÃO

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão

Redacção: José Pereira Malveiro, José Daniel Malveiro

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa, 2/99 de 15 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

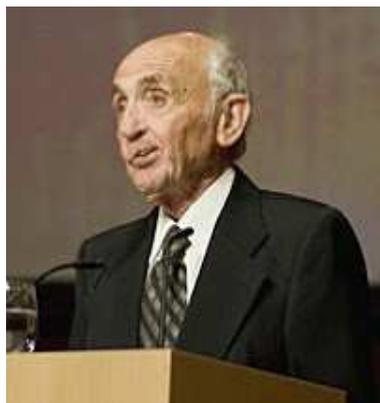
Registado: No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

TIPOGRAFIA: NET impressos - Rio de Mouro



JÜRGEN UNTERMANN

Faleceu em 7 de Fevereiro de 2013, em Pulheim, na Alemanha, com 84 anos de idade, o Prof. Jürgen Untermann, eminente linguista que dedicou toda a sua vida ao estudo das línguas pré-romanas da Península Ibérica. Esteve, naturalmente, por diversas vezes em Portugal, inclusivamente na residência de José Pereira Malveiro em Garvão, onde tomou conhecimento da Estela do Pardieiro, tendo-se interessado muitíssimo quer pelos textos aqui encontrados em língua dita «lusitana» quer, de modo especial, pela chamada «escrita do Sudoeste», exarada em estelas identificadas no Sudoeste peninsular, designadamente no Alentejo e no Algarve.



Um dos seus primeiros trabalhos, *Elementos de un Atlas Antroponímico de la Hispania Antigua* (Madrid, 1965), é citado ainda hoje como obra de referência, pois que, embora se tenham multiplicado muito os testemunhos dos antropónimos aí tratados, o certo é que permanecem válidas as conclusões retiradas já nesse longínquo 1965 em relação, por exemplo, às influências detectadas com vista à determinação de áreas linguísticas.

Foi um dos grandes motores dos colóquios sobre línguas e culturas paleo-hispânicas, a cuja comissão coordenadora, de cariz internacional, presidiu durante longos anos e só a pouca disponibilidade para fazer viagens é que o impossibilitou de estar fisicamente presente no XI Coloquio Internacional de Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, que se realizou em Valência, de 24 a 27 de Outubro, p. p.

Importância marcante teve a sua obra monumental, os *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, publicados em Wiesbaden, o I volume em 1975 e o IV, em 1997 (*Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*). Logrou ainda terminar o último, dedicado à toponímia.

Estela do Pardieiro

35 Anos depois

Foi precisamente há 35 anos, em Agosto de 1981, que José Pereira Malveiro (JPM), Manuel Zacarias e José Pacheco acompanhados pelo proprietário do Monte do Pardieiro, (localmente conhecido por Galinha Preta), junto à Corte Malhão na freguesia de São Martinho das Amoreiras recolheram e levaram para o então Núcleo Arqueológico de Garvão uma Estela Epigrafada com caracteres da Escrita do Sudoeste.

Esta Estela, com o encerramento do Núcleo Arqueológico de Garvão, foi guardada na residência de JPM, (junto a outras peças de interesse arqueológico, achadas e recolhidas ao longo dos anos pelo próprio), onde mereceu a visita de Jürgen Untermann e esposa, (ver artigo ao lado) e de Caetano de Mello Beirão, que foi inclusivamente levado ao local do Pardieiro por JPM, tendo desenvolvido posteriormente a respectiva sondagem arqueológica com Virgílio Hipólito Correia em 1989/1990.

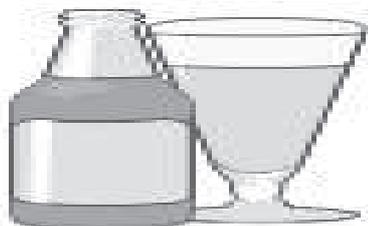
Em 1996, quando esta Estela estava em exposição nos antigos Paços do Concelho de Garvão, foi indevidamente levada e à revelia do depositário, JPM, e só depois de devidamente denunciado o caso às autoridades foi esta entregue ao Museu Rainha D. Leonor em Beja e posteriormente ao Museu Escrita do Sudoeste em Almodôvar onde se encontra atualmente em exposição.

Quanto ao sítio do Pardieiro, tem sido valorizado e aberto ao publico, segundo a nota de imprensa do presidente da Câmara Municipal de Odemira de 28/04/2008, "(...) vai abrir ao público o sítio arqueológico da Necrópole do Pardieiro, um espaço funerário construído durante a 1ª Idade do Ferro, entre os séculos VII e V a.C., localizado a cerca de 3 km de Corte Malhão, (...). O sítio é composto por um conjunto de 12 sepulturas individuais cobertas por um monumento construído com pedras ligadas com barro. Nestas sepulturas foram encontradas oferendas funerárias votivas, desde colares de contas de vidro, algumas armas de ferro e peças de cerâmica, bem como três lápides epigrafadas e duas estelas decoradas.

A Escrita do Sudoeste, encontrada apenas no Sudoeste Peninsular, terá cerca de 2.500 anos e terá entrado em desuso a partir do séc. V a.C. Transmite uma língua muito antiga, que já estava perdida no período romano, não sendo possível ainda hoje decifrar o seu significado. A descoberta de estelas com este tipo de escrita conferem à Necrópole do Pardieiro uma importância singular no âmbito da arqueologia peninsular".



Café Central



Manuel Bárbara dos Reis
Comidas e
Dormidas

Telef. 286 555 113

Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO



Garvão

O “Cerro do Castelo”

O “Cerro do Castelo” em Garvão é uma elevação de topo aplanado com uma cota máxima de 124,5m, encaixada entre duas linhas de água, afluentes do Sado.

Na parte média da encosta Leste do cerro, foi localizado em 1982 um grande depósito secundário de peças votivas. Para a instalação deste depósito, foi aberta na encosta uma fossa de planta irregular, grosseiramente ovalada, com 10 por 5m cuja abertura parece ter aproveitado um estreito patamar da encosta do cerro. A parte central desta fossa foi grosseiramente coberta por lajes de xisto entre as quais se produziu um dos achados mais interessantes da escavação: um crânio humano destacado do restante esqueleto, a que voltaremos.

Sobre o nível de fundação do depósito foram colocados grandes contentores de cerâmica, produzidos manualmente, cheios de outras peças cerâmicas, cuidadosamente empilhadas. Os espaços entre estes contentores e entre eles e a margem da fossa foram também preenchidos por peças cerâmicas empilhadas. Por último algumas peças foram ainda depositadas sobre todo este conjunto, chegando, ou originalmente ou por força da acção da sedimentação das terras, a sair ligeiramente da fossa, e foram por sua vez cobertas por blocos de xisto (Beirão et al. 1985, 56-60 e 94-103).

Parece certo que, no topo do Cerro do Castelo de Garvão, existiu o santuário a que o depósito secundário corresponde. Tal santuário faria parte de um povoado de origem antiga e de longa sobrevivência. As cronologias mais antigas para o povoado de Garvão são dadas pelas cerâmicas do Bronze Final recolhidas à superfície e na escavação dos níveis arqueológicos subjacentes ao depósito (camadas 7 e 9 da escavação de 1982/3: Beirão et al. 1985, 59-60), a este período se associando um molde de fundição de armas de bronze. A sobrevivência para além da Idade do Ferro e até ao período romano está documentada por achados numismáticos (Dias e Coelho 1977, nº 1) e por estruturas templares do período romano com as quais se relacionariam duas colunas de mármore recolhidas na vila (Beirão et al. 1985, 49, Correia 1996c).

Recentemente, a extensão do povoado da Idade do Ferro pôde ser precisada, graças a escavações levadas a cabo na plataforma a Sul do Cerro do Castelo, que permitiram identificar uma muralha e fosso que parecem ter delimitado o povoado, bem como uma pequena área industrial, onde se identificou um forno atribuível à Idade do Ferro. A extensão da área do povoado pode ser estimada em cerca de 6 hectares, tornando provável que tenha sido um núcleo populacional de carácter propriamente urbano (Correia 1995, 250 n. 3).



Estamos assim perante uma eloquente demonstração da forma como um povoado nucleado, ainda que suficientemente modesto para nos fazer hesitar antes de o classificar como cidade, concentrava no seu perímetro, para além do efectivo demográfico, que poderia roçar os dois milhares de habitantes, e da competência artesanal e tecnológica que lhe estava associada, outras vertentes de nucleação do território e entre elas a religiosa, obviamente.

In: “*Algumas considerações sobre os centros de poder na Proto-história do Sul de Portugal*”. Virgílio Hipólito Correia, Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp. 699-714

ANTÓNIO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Radios e Televisões
Telef. 286 555 111
GARVÃO

B. P. & P. Lda.
CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO
Batista Pereira & Pereira, Lda.

Construção e Remodelação

Rua Quinta da Silveira, Lt. 559 • 1675-818 Famões • Casal da Silveira
Telef.: 96 648 50 19 - 96 232 15 49 Fax: 21 986
E-mail: baptistapereira2001@sapo.pt

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.
Tlm. 934 059 158
Caixilharia de Alumínio e Madeira
Montagem de Estores
Portões Basculantes e de Fole
Tectos Falsos Orçamentos e Deslocações Grátis
Tel./Fax 286 555 164 – Rua Nova 25-B – GARVÃO



O CRÂNIO TRESPASSADO

do Depósito Votivo de Garvão

Uma das particularidades do Depósito Votivo de Garvão foi a descoberta de um crânio trespassado numa clara cerimónia de fundação do próprio Depósito Votivo.

O crânio localizado na base do depósito pertenceu a uma mulher cuja idade oscilava entre os 35 e os 40 anos (Fernandes 1986, 78).

A morte foi-lhe provocada por três golpes desferidos na zona occipital e parietal por um instrumento contundente, pesado, dotado de um gume curvo pouco penetrante, que incidiu obliquamente sobre a cabeça da vítima.

Foi assim reconstituído que a vítima se encontraria deitada em decúbito ventral, quando lhe foram desferidos sucessivamente três golpes. Qualquer um deles seria o suficiente para lhe provocar a morte, e certamente que com o primeiro deles ela entrou em lipotimia (perda de sentidos).

A morfologia das lesões sugere que o instrumento utilizado terá sido um machado de pedra polida de que, aliás, se recolheu um exemplar no depósito (Antunes e Cunha 1986, 84-85).

O crânio foi então separado do corpo; a forma como isso se deu e o espaço de tempo que mediou entre este facto e a deposição do crânio como elemento ritual na criação do depósito votivo são, no entanto, indetermináveis.

O crânio, estava, aparentemente, associado a alguns ossos de animais o que sugere um fenómeno de libação sacralizadora associada a um sacrifício humano.

Na sequência deste tema da trepanação, muitos outros achados provêm de depósitos de épocas subsequentes ao período mesolítico, mostrando assim a continuidade e a larga diacronia desta prática.

Um crânio muito mais tardio encontrado em Tróia (Setúbal) «deixa a ideia de que a trepanação era um tratamento a que os habitantes da Península Ibérica tinham acesso no período romano».

Mas entre estes tempos históricos, diversas jazidas portuguesas neolíticas e calcolíticas ou da Idade do Bronze revelaram crânios humanos com tais marcas.

Cerimónias fundacionais com recurso a despojos humanos como parece ser o caso de Garvão do século III a. C., será já epifenómenos consequentes de uma resistência de cultos e crenças profundamente enraizados que atravessam a Idade do ferro.

Reminiscências de conceitos e esquemas de estruturação do território em que se conjugariam, num hábil sincretismo, os espaços tumulares monumentais que se construíram com os mais antigos, dando e renovando sentido à memória de significados e significantes impregnados na paisagem.

Todo o espólio parece implicar a existência de um eventual ritual relacionado com um sacrifício humano, próprio do culto das cabeças cortadas em contexto guerreiro, bem como do culto das cabeças inserido em rituais fundacionais e de soberania. A natureza dos objectos votivos encontrados, como a cerâmica ou as placas oculadas – na linha dos achados do Escoural, Estremoz, Vidigueira ou Évora, de épocas anteriores – e os múltiplos restos animais – a sugerir refeições e libações rituais cíclicas, como seriam as cerimónias solsticiais –, indica-nos, assim, não só a persistência de crenças, como também a presença da segunda fase deste culto céltico.

Efectivamente, muitos achados parecem indiciar ter havido um tratamento especial dado a certos crânios, tratamento esse que pode remeter-nos para práticas rituais de cariz mítico-religioso próprio do mundo celta.

Segundo alguns autores, para estas populações, a cabeça possuiria atributos divinos. Como tal, talvez considerada incorruptível e autónoma do corpo, teria poderes protectores – das pessoas ou colectividades, do gado ou da vegetação –, divinatórios ou proféticos, de cura e de regeneração, a cabeça seria, assim, o centro dos poderes sobrenaturais, para além de ser o local onde se acreditaria estar alojada a histeria, a loucura ou os defeitos físicos mais impressionantes – mal sagrado ou mal de santo, na máxima popular de que o que é raro é maravilhoso.

In: Gabriela Morais, Contributos Portugueses Para O Estudo Do Culto Das Cabeças



Cabeça relicário de prata de S. Fabião em Casével

Café Beira Linha
ALMOÇOS E JANTARES
Telef. 286 555 199
ESTAÇÃO DE GARVÃO

Café Futuro
Almoços e Jantares
Rua do Álamo
— Internet Wireless —
Associação Futuro de Garvão

Cont. N.º
901 697 621
Comércio de Bebidas
MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.º
ARMAZENISTA — DISTRIBUIDOR
Telef. 286 555 120 — Telef. / Fax 286 512 848
E.N. 123 KM 47,8
OURIQUE



AS TRAVESSIAS

Antes do nivelamento da ribeira e da cimentação do leito e das margens, o cenário que se apresentava em termos de via, ruas e travessas era totalmente diferente do actual.

De facto antes da construção daquilo que ficou sendo conhecido como “A Placa”, ou pelo menos a primeira fase deste nivelamento da ribeira que atravessa a vila, as vias para a sua travessia eram outras.

PONTE DE MADEIRA

Se por esta altura a ponte em alvenaria, no centro da vila, já existia, tempos houve em que a ponte era construída de madeira, e a história de que, “Garvão tem uma ponte rota”, não deixa de ter alguma verdade e remete-nos precisamente para o tempo em que a travessia da ribeira no centro da vila que ligava o Largo do Poço da Praça ao Largo do Lagar, (agora Largo da Amoreira), se fazia através de uma ponte de madeira, segundo a memória popular, que se julga ser tanto para peões como para carros de tracção animal.

De facto a ponte de madeira deveria estar de tal maneira degradada que justificou a construção de uma nova ponte em alvenaria, contudo a história da “Ponte Rota” e ainda segundo a versão popular, se relacionar com um individuo que perdido de bêbado pura e simplesmente caiu da ponte, quando se preparava para se aliviar do que tinha bebido em excesso.

Numa fotografia do início da edificação da nova ponte, onde se observa a configuração dos dois vãos ainda em construção, nota-se, no local onde actualmente estão plantadas as laranjeiras, uma passagem rebaixada de acesso à ribeira.

Essa mesma fotografia mostra um candeeiro de iluminação publica cuja base se encontra numa posição muito mais baixa que o novo tabuleiro da ponte em construção, o que parece levar a crer que a ponte de madeira seria mais baixa que a nova, permitindo assim tanto o acesso, de um lado para o outro, pela ponte de madeira, para pessoas ou animais e pelo leito da ribeira para cargas mais pesadas.

Esta nova ponte, de dois vãos, apesar de superficialmente danificada pelas intempéries de 1997, foi, subsequentemente, substituída por uma nova ponte de um só vão. Encontra-se ainda no local, pregada na parede do posto da GNR a primitiva placa com que a Junta de Freguesia de Garvão homenageou o dono da moagem António de Brito Ramos em 1943, o qual não se poderá aqui deixar de prestar igualmente o devido reconhecimento a um dos industriais de Garvão, a quem muito se deve uma grande parte do vigor económico que se viveu nesta vila por essa altura.

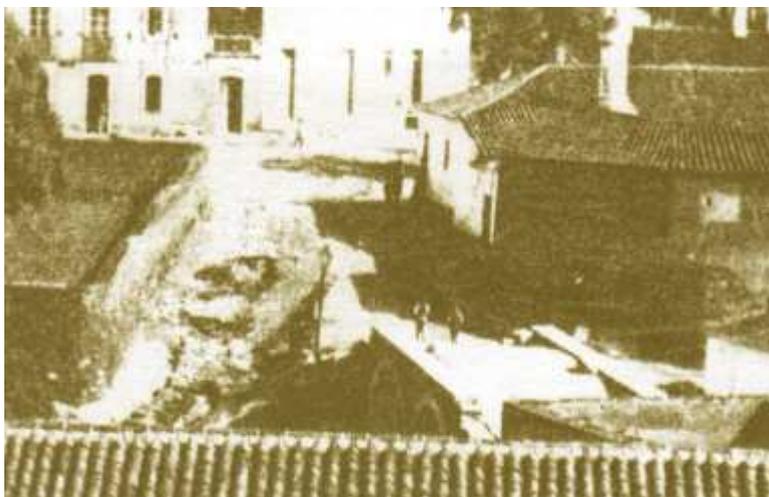


PONTE DO PERÚ

Junto ao Poço Novo

A antiga passagem junto ao Poço Novo, combinava passagem pedonal para pessoas, bestas e nos seus últimos dias também bicicletas, era a chamada Ponte do Perú com aproximadamente um metro de largura e possivelmente com trinta ou quarenta metros de comprimento, para compensar o vão da ribeira que aqui se alargava, muito usada por pessoas que iam ao Poço Novo abastecer-se de água, com as tradicionais quartas de água de barro cozido á cabeça ou ao quadril, quando não era em carrinhos de mão ou no dorso dos animais.

A passagem da ribeira, pelo leito, permitia igualmente a travessia de gados, bovinos, ovinos ou caprinos quando não era também por varas de porcos e por carros de parelhas de muares para cargas pesadas, que vinham ou iam pelo “Furadouro” e evitavam assim as ingremes ladeiras do castelo.



Salão Mila
Emília M.^a Mestre Maia M.
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A
Telem. 965 779 545 GARVÃO

Café Nascer do Sol
ALMOÇOS - PETISCOS - JANTARES
Tel. 286 555 347 - GARVÃO

ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIRAS E PESADOS
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL
Telef. 286 555 416 - Telem. 962 341 322
GARVÃO

Logos for Vredestein, Alliance, Libermaster, Shell, and Fedima are also visible.



AS DA RIBEIRA

A criação de perus, neste local, poderá ser igualmente uma realidade, mais do que um simples lugar de passagem, de um local para o outro, destes repastos natalícios, a sua criação, no próprio leito da ribeira, alimentando-se das tenras ervas e outros arbustos, quando a corrente de água o permitia, poderá muito bem ter dado o nome á referida ponte pedonal, já que a criação destas aves em grande número, era até há bem poucos anos uma realidade que se poderia encontrar nestes lugares.

TRAVESSIA JUNTO AO POÇO DA VARZEA

Havia outra passagem que desapareceu completamente, sem qualquer alternativa viária, com a construção da primeira fase da placa, que era de facto o seguimento da Rua da Oliveira rumo às hortas e atravessava a ribeira diagonalmente imediatamente a seguir às últimas casas do lado direito e ia ter um pouco antes onde actualmente se situa o lavadouro, emborcando na rua que vinha do Largo do Lagar, (actual Largo da Amoreira), e seguindo rumo à Funcheira, com um ramal rumo à Sardoia logo a seguir ao poço da Várzea atravessando a avenida nova que ainda não tinha sido construída, (actual rua Gonçalo Nobre Valente).

O seguimento do caminho da antiga estrada da Funcheira, (que não tem nada a ver com a moderna estrada de alcatrão), seria,



assim que atravessava a ribeira, junto a esta e adjunto às últimas casas da vila. A posterior e moderna estrada para Santa Luzia acabou por atravessar esta antiga estrada e dividir as casas que aí se encontram, umas ficando a Sul do lado da vila, outras a Norte no lado da estrada que seguiria para a Funcheira e Panoias.

Esta travessia, juntamente com a do Poço Novo, seriam as primitivas travessias da vila antes desta se ter prolongado para a outra margem da ribeira e justificado a construção da mencionada ponte de madeira.

OUTRAS TRAVESSIAS

Outras travessias haveria, com certeza, umas mais próximas da vila, outras mais afastadas, das mais próximas há a destacar a do Curral dos Bois, a Sul, na saída da vila para o Cerro da Forca e a passagem da ribeira junto à estrada da Funcheira, a Norte, praticamente no local da nova Estada Nacional junto à parede em taipa da várzea que se estende para Norte, direito à Igreja de São Pedro e Estrada Real.

De realçar igualmente a passagem da Ribeira do Arzil junto à Estação de Garvão e no sítio da localmente chamada “Ponte Romana”, (a *romanidade* dessa ponte, ou não, ficará para outra altura), fiquemos, por agora, em realçar o caminho que ainda se nota por detrás da antiga padaria do Arreganhado, mesmo diante da Igreja de São Sebastião (para quem está de costas para a referida Igreja) e que viria, certamente, ter à Ladeira do Padre rumo à vila.



**Padaria MARTINS**
Rua de Ourique, 22
de: Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 – GARVÃO

CAFÉ CANELAS
de: José Guerreiro Manuel
[Contacto: 286 555 133]
Telefona 286 555 133
Telemóvel 905 097 101
Largo da Estação n.24 7670-128 GARVÃO

PADARIA VITÓRIA
Joaquim
Rosário Guerreiro

Telef. 286 555 133
Rua Nova, 3 – 7670-141 GARVÃO



HEMIDRACMA EM PRATA

Descoberta em Garvão

A data da constituição do depósito votivo de Garvão é apontada por uma hemidracma em prata, batida em Gades, de 238 ou 237 a.C., que pode ter circulado até aos finais do séc. III. A sua vida “útil” como ex-voto pode, no entanto, ter sido um pouco mais alongada mas, o fecho do depósito não terá ocorrido para além da primeira metade do séc. II a.C. (Beirão et al. 1985, 91 nº 81).

Segundo a descrição dos mesmos autores trata-se de uma moeda (Vala), de prata, pertence à oficina de Gades, com 17 cm de diâmetro máximo, 2 mm de espessura e 2,5 (?) g de peso. No anverso, muito deteriorado, reconhece-se a representação da cabeça de Hércules-Melkart, toucado com a pele de um leão.

O reverso mostra, centralmente, um atum, voltado para o lado direito, sobre o qual se vêem quatro signos, quase ilegíveis, de uma legenda púnica. O conjunto é rodeado por uma gráfia de pontos.

Parece tratar-se de um hemidracma (2,5g) cunhada na segunda metade do século III a. C.

O Dracma foi uma moeda de origem grega muito utilizada no mediterrâneo durante vários séculos, tomando várias formas e valores segunda a época e origem da cunhagem, esta, encontrada em Garvão, segundo os referidos autores tudo indica que tivesse sido cunhada nas oficinas de Gades, actual Cádiz no sul da Espanha e o hemidracma refere-se ao valor de metade de um Dracma.

O Dracma, em utilização desde meios do sexto século a. C. era de facto a moeda da Grécia clássica, foi uma das

primeiras moedas em circulação e de uso geral, o nome derivaria da palavra grega “apanhar” ou “segurar” e o seu valor corresponderia à quantidade de setas que uma mão conseguia agarrar.

O Dracma a principio tinha vários valores, conforme o lugar onde era cunhado, a partir do século quinto a cidade-estado de atenas sobrepôs-se comercialmente aos outros estados gregos e o Dracma ateniense ganhou preponderância em relação aos outros Dracmas cunhados em diferentes cidades-estados.

Diz-se que o culto de Hércules foi introduzido na Hispânia pelos fenícios. Este Hércules era o nome romano do Deus Saturno ou BAAL-MELKART, regente do tempo e dos testemunhos.

Deuses como Melkarte, o Hérakles fenício, ou Tanit, a Vénus guerreira, são pervivências de cultos que iriam prolongar-se até à época romana. Os cultos egípcios, espalhados por toda a Península, atingiram o seu grande auge na época romana, em particular o de Ísis.

Encontramo-los, inclusivamente, na etapa ibero-fenícia, e talvez tenham sido até, porventura, muito anteriores. Deuses celtas como Cernunno, o Sol-Cervo, ou

o culto das bifaces, ou deuses Acha, são comuns por toda a Celtibéria, mas não parecem iberos de origem.

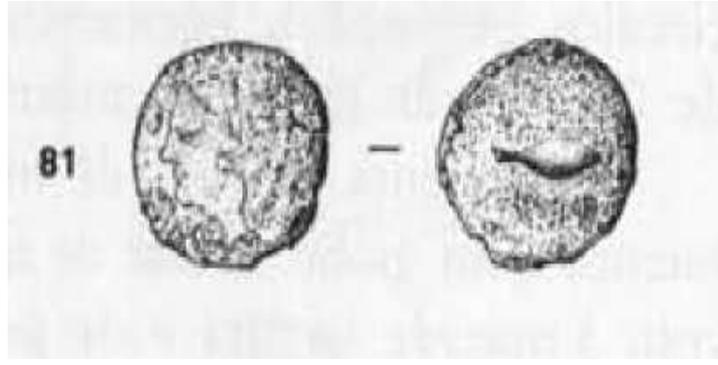


Imagem do Hemidracma descoberta no Depósito Votivo de Garvão.
(Beirão et al. 1985, 91 nº 81).



Exemplo de Hemidracma de GADES, actual Cádiz.
No anverso a cabeça de Melkart com pele de leão.
No reverso um atum e letras fenícias.

Drogaria Carapinha
De: Rui Nuno Gonçalves Carapinha
REDES - TINTAS - RAÇÕES
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC
Tel. 286 555 441
Tlm. 936 337 373
Rua Nova, 28 – GARVÃO

Restaurante Martins
Bairro Novo da Sardoá
Lote 38
Padaria Martins
Rua de Ourique, 22
de
Joaquim Martins Moreira Costa
7670 Garvão
Tel.s - 936 347 021 e 932 592 913

LINDA MIRIAM DÓLORES DE BRITO CARVALHO
Tel. 286 555 371
Tlm. 939 441 637
Rua do Álamo, 4
7670 GARVÃO



As Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian

As Bibliotecas Itinerantes da Calouste Gulbenkian fazem parte do imaginário de diversas gerações, possibilitavam a leitura de livros para aqueles que não tinham fácil acesso a estes, ou promoviam a leitura junto das Escolas um pouco por todo o País.

A Fundação Calouste Gulbenkian criou este serviço em 1958 segundo uma ideia de Branquinho da Fonseca, que tinha como objectivos “promover e desenvolver o gosto pela leitura e elevar o nível cultural dos cidadãos, assentando a sua prática no princípio do livre acesso às estantes, empréstimo domiciliário e gratuidade do serviço.” Isto chegava um pouco a todo o território nacional, com especial incidência nas Aldeias ou locais em que não existiam Bibliotecas Municipais ou não tinham fácil acesso a elas.

Na década de 70 eram muitas as vozes na Fundação que eram contra este serviço, devido aos seus poucos lucros e as muitas despesas que acarretava este tipo de Bibliotecas, mas com o 25 de Abril as coisas continuaram na mesma e quando Vergílio Ferreira assumiu o cargo de director do programa das bibliotecas itinerantes, isto voltou a ganhar uma nova vida.

De 1981 a 1996 ele contribuiu para que isto promovesse cada vez mais uma animação cultural que devia estar ao alcance de todos, com leitura de contos, exposições ou encontros com autores.

A carrinha era toda ela carismática, o modelo Citrôen HY era o escolhido pela fundação para promover as Bibliotecas Itinerantes, com duas portas na traseira que abriam de par-em-par para além de uma parte lateral que abria para cima de modo a facilitar o acesso e a visibilidade desses livros que nos ajudavam a viajar e a conhecer outros mundos. Podia-se

requisitar alguns livros infantis perto das escolas Primárias, contos de fados ou histórias fantásticas que ajudaram a deixar o bichinho da leitura dentro de muitas crianças.

Acredita-se que tenha sido um excelente serviço para aqueles que não tinham acesso à leitura e por conseguinte ao conhecimento, e devemos sentir orgulho por ter existido algo do género por cá e que ajudou tantos a ganharem o gosto pelo mundo maravilhoso dos livros.

Para o início efectivo das bibliotecas móveis em Portugal é apontado a data de 1953, referente ao início dos serviços de uma biblioteca-circulante, implementada por Branquinho da Fonseca, no Museu-Biblioteca do Conde Castro Guimarães, em Cascais, onde na altura exercia funções de conservador-bibliotecário. Esse carro-biblioteca deslocava-se até “às associações, escolas e lugares centrais das povoações, proporcionando, através do empréstimo domiciliário, o acesso ao livro pela população.”. Era de carácter gratuito e o acesso às estantes era livre.



Em 1958 a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) criou, por sugestão do mesmo Branquinho da Fonseca, um serviço similar ao de Cascais, mas que almejava abranger todo o território nacional, incluindo mesmo os arquipélagos. Surgiu assim o Serviço de Bibliotecas Itinerantes (SBI), que B. da Fonseca dirigiu até à sua morte (1974). Este tinha como objectivos “promover e desenvolver o gosto pela leitura e elevar o nível cultural dos cidadãos, assentando a sua prática no princípio do livre acesso às estantes, empréstimo domiciliário e gratuidade do serviço.” Afigurava-se como tal um serviço de leitura pública moderna.

O público a quem era mais dirigido o serviço era sobretudo aquele que era mais parco no acesso à educação e cultura, habitando nas regiões mas desfavorecidas. Estendendo-se a todas as faixas etárias. Todavia será no público mais jovem que este serviço terá melhor acolhimento, apesar de se pretender contemplar de modo símile todas as idades.

Garvão
minimercado
Da. José António Silva Nunes Lg. da Palmeira, 4 - OURIQUE
GARVÃO SUPER

Adília Pereira Coelho
TINTAS
DROGAS
FERRAGENS
MATERIAL PARA PESCA
Tel. 286 555 173 - Resid. 286 555 381
Rua do Álamo, 12
GARVÃO

Kafé Snack - Bar
"NOVO RUMO"
Servem-se refeições e petiscos diversos
Cerveja: Maria de Fátima Barreira e Pastelaria Bárbara
Teloms.: 934 785 927 / 936 234 652
Rua do Álamo, N.º 11 ** 7670-136 Garvão



SUL e SUESTE

LUÍZA. (IV Parte)

Crónica de "LUÍZA", do livro "SUL e SUESTE Prosas de Além-Tejo" de Joaquim da Costa, Natural de Garvão, publicado através das oficinas da Gazeta do Sul no Montijo, em 1940

Soavam já uns vagos rumores denunciando aquela estranha inclinação de Luiza para o almocreve. E uma tarde, num trato de terreno plantado de vinha que o lavrador possuía perto da ribeira, e distante do monte cêrca de dois quilometros, o viúvo pôde urprender um diálogo travado entre dois homens que ali estavam podando as vides.

Dizia um :

- Então, não sabes a novidade? A filha do nosso patrão a Luiza, parece que anda a meter-se com o António Braga, a fazer-lhe namôro...

O outro interrompeu-o:

.- Estás doido?... A filha do patrão...

- Sim, a Luiza. Ainda na quinta-feira última, os viram perto da nora da cerca, em grande conversa...

O outro puzera o podão em descansa no braço e, erguido entre as vides, tocou no ombro do companheiro:

- Homem, o que me dizes, é de agente se benzer. A menina Luiza, a flor do monte, a gostar do Braga! Mas se o pai sabe desse namôro, põe-se logo no ôlho da rua e até é capaz de, antes da despedida, para não lhe deixar saudades lhe fazer algum enxêrto na cabeça, ou de lhe fazer a poda nalgum braço... Olha, é capaz de lhe fazer o mesmo que e faço a esta vide; assim, vê? E dum só golpe de podão cortou uma hâste grossa.

E continuou, enquanto ia trabalhando:

- Bom seria que alguém avisasse o almocreve do que para aí corre. Diz o ditado: «Quem te avisa, teu amigo é». E aquêlo que lhe levar o aviso, presta-lhe grande serviço, não te parece? Eu entendo que o melhor que ele tem a fazer é isto: pôr-se a andar para longe do monte, para onde o lavrador lhe não faça perca nem dano, se é que tem amor ao feixe de ossos...

- Estou contigo. Se o que para aí se murmura, chega ao conhecimento do patrão, aí, António Braga, que não te queria estar na pele!

Fez uma pausa, e continuou:

- Afinal, porque não havia o Braga de casar com a menina Luiza? Se agora se faz reparo no facto de ela ser filha de gente rica, não se pode esquecer que ele nasceu de pais ricos. O pai era um dos maiores lavradores da região. E, além disso, era um homem de bem, amigo do seu amigo, protector dos pobres, generoso. Quando negava trabalho, ficava doente. Tu não o conhecestes, mas eu conheci-o bem e alguns favores lhe fiquei a dever. Era um bom e foi isso que o perdeu!

Outra pausa, e continuou;

- O gôsto que ele tinha em conversar com os criados!

Mangava com êles, animava-os nas tarefas e nunca ouvi de sua boca uma palavra mal soante contra qualquer ganhão. O trabalho, na herdade desse homem, não nos era tão pesado. Tudo se fazia alegremente, e era com honra e orgulho que alguém dizia: «Trabalho na casa do sr. José Braga» ou o meu patrão é o sr. José Braga».

Calou-se como que a rememorar factos muito antigos.

Depois, foi prosseguindo:

- Grande amigo dos que o serviam ! Duma vez, no tribunal de Ourique, defendeu, como um advogado, o Manuel do Carmo, um moço de sangue na guelra que, de volta da Senhora da Cola, com dois grãos na asa, se travou de razões com um companheiro e, passando a

vias de facto, o matou à cacetada, atirando-lhe desalmadamente para cima lenha de azinho. O Carmo era ganhão do sr. José Braga, e êste, mal soube do sucedido, moveu meio mundo para conseguir algum benefício para o desgraçado que gemia na cadeia.

Era de vê-lo, ao lavrador, a caminho de Ourique, a caminho de Beja, batendo a esta e àquela porta, estafando cavalos, gastando dinheiro, arruinando a saúde com tantas diligências. Grande alma!

No dia da audiência - lembro-me bem! - a sala do Tribunal de Ourique estava à cunha, e muita gente ficou na rua, danada por não poder entrar. E de tudo o que ouvi, o que nunca mais esqueço, foram as palavras do sr. José Braga, que Deus guarde.

Quando o Juiz lhe perguntou se o Carmo era seu criado, êle respondeu: «saiba V.Ex.^a, Sr.Dr. Juiz, que eu não tenho criados, tenho

amigos; êsse desgraçado trabalhava, sim, senhor, na minha herdade, e eu era amigo dêle; era e sou!» Traçou o elogio do Carmo. Para aliviar a pena ao desgraçado, até mentiu, dizendo que o réu sempre fôra bem comportado, nunca lhe faltara ao respeito e que - mentia por bem !- era dos mais competentes e trabalhadores, e dos que mostravam melhores sentimentos!

Eu sabia que o Carmo era uma alma danada, sempre disposto a implicar com os camaradas, retilão e malcriado. Pois bem: ouvindo a defesa feita pelo lavrador, o seu tom de voz, forte, sincero, molhado em lágrimas, eu cheguei-me a convencer que sim, que tudo quanto êle dizia era a pura verdade.

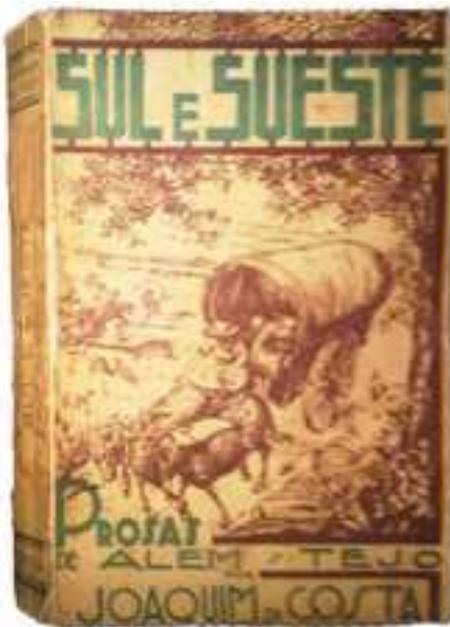
O réu - estou daqui a vê-lo sentado no banco, perante o rigoroso tribunal - chorava como uma criança ouvindo aquela voz amiga que se erguia alto para o defender quando a mór parte da gente o acusava. O moço apanhou uns nove anos de degrêdo, todos diziam que

a pena fôra leve, mas eu vi, com êstes olhos que a terra há-de comer, o lavrador montar-se no seu cavalo à porta do tribunal e, já montado, puxar do lenço para enxugar as lágrimas...

Pois êste homem de grande coração, foi, nos últimos anos de sua vida bastante desgraçado. Porque era bom, e confiava nos outros. viu-se, em certa altura, cheio de dívidas e cercado por uma danada matilha de crêdores, que não lhe perdoaram. Certos parentes a quem toda a vida prótegera e com quem negociara em cortiças, foram os piores. Pareciam feras. Debalde o pobre pediu, suplicou... Os crêdores eram mais ferozes que cães de fila: pegaram e não largaram. Para aumentar aquela ruína duma grande casa: apareceram umas letras a que algumas pessoas chamaram de favor, teve que pagá-las pelos outros, houve uma grande trapalhada com letras e tretas, e, no fim de contas, o bom do lavrador José Braga ficou na penúria. Poderia então dizer: «Eu sou como o Pedro Cem»...

-«Que já teve e hoje não tem»... interrompeu o companheiro. Mas ele continuou, já noutro tom:

- Tu vais ver com o nosso patrão procede Para com o rapaz, quando souber do namôro... Muito se importará ele com isso de ser o moço filho de gente rica, caída em desgraça. ..



ESTELA EPIGRAFADA ROMANA DOS FRANCISCOS

**in: GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (1984)
Uma estela epigrafada da Herdade dos Franciscos,
“Conimbriga”, 23, p. 43-54.**

A Herdade dos Franciscos é um dos latifúndios da freguesia de Garvão, situando-se apenas a cerca de 1km a sul daquela vila. Administrativamente pertence ao concelho de Ourique e ao distrito de Beja. O monumento funerário agora dado a conhecer foi descoberto avulso, numa extensa zona da herdade onde se observam ruínas, talvez de um *vicus*, ou de uma *villa rustica* de onde provêm outros materiais do período romano.

Caetano Beirão e José Olívio Caeiro procederam ali a escavações de emergência, numa área que iria ser afectada pela construção de uma estrada, identificando-se na altura restos de estruturas habitacionais e materiais romanos que abrangem um período situado entre os séculos I e III d.C.

A leitura desta epígrafe, com luz rasante, permitindo-nos executar o decalque cuja redução apresentamos na fig. 2 sempre preferível a um desenho, é a seguinte:

LADRONV[S] / DOVAI • BRA[CA]RVS • CASTEL[LO] / DVRBEDE • [H]IC / SITUS • ES[T] • AN[N]ORV[M] XXX
(triginta?) / [S(it)] • [T(ibi)] • T(erra) • L(evis) •

A sua tradução parece não oferecer grandes problemas propondo-se:

“Aqui jaz Ladronus (filho de) Dovaio, Bracarus do Castelo Durbed, de trinta anos de idade. Que a terra seja leve”.

A estela dos Franciscos é, pois, um importante monumento, atribuível ao séc. II ou aos inícios do século III d.C., cuja forma e realização se integra, como vimos, no tipo de lápides encontradas no Sudoeste Alentejano (concelhos de Aljustrel, Ourique e Almodôvar) (Encarnação, 1978), embora o seu conteúdo mantenha estreitas ligações com a epigrafia do Noroeste, sobretudo no plano onomástico, para o qual encontrámos paralelos maioritariamente no Conventus Bracarenis.

Ainda recentemente também M. Manuela A. Dias (1979), num bem fundamentado trabalho, reconheceu a origem norte-peninsular de muitos antropónimos registados em estelas do Conventus Pacensis, encontrando uma possível explicação na emigração com vista aos trabalhos de mineração.

Estes movimentos migratórios que fazem instalar populações do norte da península no Sul e Sudoeste Ibérico, ocupadas tanto na agricultura como na mineração, mostram, em última análise e de modo claro, as diferentes dinâmicas da ocupação territorial da Península, revelando-nos afinal a mesma fraca densidade populacional que ainda hoje conhecemos nas terras do sul, mais avessas à instalação das comunidades humanas.”



Fig. 1 - Estela da Herdade dos Franciscos. Desenho (Fig. 1).



Fig. 2 - Fotografia (1984).

parafarmácia
GARVÃO

Técnicos: Luís Miguel de Oliveira Vieira Reis
Rua 25 de Abril n.º 3
7670 - Garvão

Tel: 286 555 200
Fax: 286 555 400
parafarmacia@garvao.pt

MONTARAZ
GARVÃO

Agencia Funeraria Alentejana
Funerária e Investimentos para todos os países

Sede:
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3
Avenida 43
7690-200 Garvão
Tel - Fax 286 511 545
Email: funservice@napo.pt

Filiais:
Centro Comercial
Vila Nova de São Francisco
Lago 261 Lagoa

Rua Gago Coutinho 72
7690-200 Sobral
Tel - 263 682 117

Entrada Nacional
31009 Olivença

Joaquim Gonçalves: 918810688
Eli Guerreiro: 968163679
932695643
Pedro Gonçalves: 932692541

MOVIGARVÃO
Carlos Alberto Guerreiro Silva
Telem. 934 059 159
Móveis - Electrodomésticos
Tapetes e outros artigos
de decoração para o Lar
Candeeiros - Cozinhas por medida

Tel/Fax 286 555 164 - B.º Escola, L 2 - GARVÃO

“BAR DA ESTAÇÃO”
REFEÇÕES E PETISCOS REGIONAIS
de: Célia Maria Pacheco Silva

Telem. 917 591 497
7670 - 129 FUNCLEIRA - GA

REVEZ & GONÇALVES
Materiais de Construção, Lda.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
PECUÁRIA
VENDA A RETALHO

Telef. 286 555 151 - Largo da Amoreira, 4 - GARVÃO



Família Alves



O nome Alves é de origem germânica e chegou à Península Ibérica através das invasões destes povos nomeadamente os Visigodos a partir do século V. O sobrenome Alves e Alvares é

patronímico e está relacionado com o nome Álvaro, os filhos de homens chamados Álvaro chamavam-se Alves.

O nome provém da aglutinação de duas palavras visigóticas “Alewar”: “Al” que significa “tudo” e “War” que significará “protector” ou “guardião”, sendo Álvaro “aquele que tudo protege” ou “aquele que a todos guarda” e Alves os filhos de Álvaro, “os filhos do protector de todos” ou “de tudo”.

As cores e os símbolos nos brasões representam algo relacionado com o significado do sobrenome, a fatos históricos relacionados à família ou até mesmo a características associadas aos membros da mesma.

O brasão dos Alves pode ser interpretado da seguinte forma: a águia bicéfala coroada representa a nobreza e o poderio militar, as duas cabeças representam a ideia de união “tanto no Oriente como no Ocidente”, o azul representa a lealdade, o zelo e a caridade, as ondas representam a ligação da família com o mar, a cruz representa cristandade, o ouro é símbolo de nobreza e riqueza.

O nome Alves ou Alvares tem sido conhecido sob várias formas nos países de língua latina, nomeadamente: Albarez, Alvarez, Alvares, Alvar, e Alvaro. Era o nome de vários caracteres no épico espanhol de “Mio Cid” e popularizado em Itália na célebre ópera de Verdi “A Força do Destino” de 1862, pelo personagem central “Don Alvaro”

Castro Verde celebra o pau roxo, uma cenoura quase esquecida

In: <http://fugas.publico.pt/>

17.01.2015 Por Alexandra Prado Coelho

Dantes o pau roxo era presença obrigatória na Feira de São Sebastião — e esta é uma tradição que a Câmara de Castro Verde, no Alentejo, está determinada a não deixar que se perca.

Estamos a falar de uma cenoura totalmente roxa, tal como eram muitas cenouras originalmente, antes de a seleção humana ter privilegiado as cor-de-laranja. Por isso, é também a estrela de uma feira de Castro Verde, a de São Sebastião (a 20 de Janeiro), também conhecida como a Feira do Pau Roxo).

“As pessoas aqui sempre a consumiram mais como um petisco”, explica Carlos Pedro, secretário da vereação da câmara. “É uma tradição alimentar relativamente restrita, que aparece de forma pontual na culinária. Sempre foi mais consumida como petisco nas tabernas, onde se comia crua, às rodelas, como o rábano, o marmelo, a maçã, as azeitonas. O único hábito que ficou foi o das azeitonas.

E assim, a pouco e pouco, o pau roxo começava a desaparecer, e chegava mesmo a faltar no dia da feira. “Há quatro, cinco anos aparecia pouca gente a vender, e acabava a meio da manhã. Nos últimos dois, três anos fomos recolhendo as sementes que ainda encontrámos e fomos distribuindo, e neste momento já há produção”, conta o responsável municipal. Isso garante que a população de Castro Verde possa ir à feira e, como tradicionalmente, voltar para casa levando um pouco de pau roxo.



Mas a câmara gostaria de alargar a divulgação e fazer aumentar o consumo. Para isso, organizou para dia 20, às 18h, no Posto de Turismo, uma conversa com dois especialistas: Maria Manuel Valagão, que irá falar das características nutricionais da cenoura roxa, e José Miguel Fonseca, da associação Colher para Semear, que vai falar sobre o desaparecimento dos hortícolas tradicionais e a necessidade da sua preservação.

Maria Manuel Valagão explicou à Fugas que o legume de que aqui falamos “não é uma cenoura qualquer, é uma cenoura especial e de rituais, em torno do pau roxo há uma memória muito positiva, muito festiva”. Aliás, há um dito popular segundo o qual “não pode haver matança do porco sem a conserva do pau roxo”, ou seja, a salada tradicional feita com cenoura no Alentejo e no Algarve. Além disso, “é uma cenoura diferente da que se faz agora por toda a Europa, que tem uma capa roxa e um centro laranja”. Sendo toda roxa, a que ainda existe no Sul de Portugal “tem mais carotenos e antioxidantes”, e portanto é benéfica para a saúde.

Para o dia da festa, vários restaurantes de Castro Verde vão apresentar entradas ou saladas com pau roxo, e algumas pessoas foram desafiadas a criar novos pratos usando este legume — que, sublinha Carlos Pedro, não é fácil porque perde a cor quando é cozido, e a ideia aqui é que o prato mantenha o roxo que torna esta cenoura diferente das outras.

CARPINTARIA CONVERSA

EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

- * Portas
- * Janelas
- * Marquises
- * Estores
- * Portões
- * Corrimões

Jorge Bento
964 173 005

Garvão - Ourique

